Nota do editor

Paulo de Carvalho

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/956>

DOI: 10.4000/ras.956

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2014

Paginação: 5-7

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Paulo de Carvalho, « Nota do editor », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 13 | 2014, posto online no dia 04 junho 2016, consultado no dia 25 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ras/956> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ras.956>

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 setembro 2020.

© SASO

Nota do editor

Paulo de Carvalho

- 1 Entrámos para o ano de 2014 com a intenção de maior disseminação da revista, graças à sua inclusão na LusOpen Edition.
- 2 Fomos forçados a modificar a temática deste nº 13 da *Revista Angolana de Sociologia*, tornando-o mais abrangente. O tema central ficou “O Homem em sociedade”, com seis artigos. O número inclui ainda dois outros artigos, não tendo sido apresentado e aceite material para qualquer outra secção.
- 3 O tema central deste número inicia com o artigo de Allan Nascimento, intitulado “Obstáculos aos direitos humanos das mulheres deslocadas internamente: o caso angolano”, onde o autor apresenta uma visão a respeito do respeito pelos direitos humanos em períodos de conflito armado e as consequências disso após o seu termo. Aborda o caso particular das mulheres uma vez que, em relação a elas, “continua a verificar-se no geral uma distância significativa entre a igualdade plasmada na norma e o efectivo acesso diferencial aos direitos” [p. 50]. A violência de género manifesta-se sob diversas formas enquanto elemento de discriminação que atinge sobretudo as mulheres. Ela cresce em ambiente de conflito armado, o que se reflecte durante muito tempo após o termo do conflito. Há casos dramáticos de violência sexual, tortura e escravidão de mulheres, tendo o autor citado os casos do Ruanda, Serra Leoa, Libéria, Balcãs e Bósnia-Herzegovina [pp. 54-55]. A deslocação interna é outro dos grandes problemas que afectam mulheres, crianças e velhos que vivem em áreas de conflito armado. E Angola não é excepção a estas regras.
- 4 Do caso angolano passamos para o caso moçambicano, com Patrício Langa a apresentar-nos uma reflexão acerca d’ “O homem na sociedade ou a sociedade no homem: Desafios epistémico e metodológico para uma análise sociológica do carisma de Samora Machel”. O comportamento e a forma como governava o primeiro Presidente de Moçambique (conhecido pela sua forte personalidade, pela sua verticalidade e por uma elevada dose de frontalidade) são objecto de análise por parte de vários autores. Neste artigo, Langa pretende ultrapassar as visões dos seus colegas mais velhos Carlos Serra e Elísio Macamo, apresentando uma visão agregadora que considera multimensional: “Ao invés de observarmos um homem unidimensional ou um contexto político sui-generis, alvitro

que se olhe para o fenómeno social multidimensional que foi Samora Machel” [p. 77]. Considera que não se deve dar primazia à estrutura sobre a acção, nem o recíproco. O homem é fruto da sua época, sim, mas ele mesmo encerra em si uma personalidade, uma história de vida e um carisma próprios, certamente de algum modo diferentes dos de outros da mesma época.

- 5 O terceiro artigo da temática central deste número é de autoria de Francisco Ramos e Rosalina Costa e intitula-se “Os funerais são para os vivos. Apontamentos sobre o lugar do investigador--autor na construção da morte em perspectiva socio-antropológica”. A partir da notícia da morte do Presidente sul-africano, Nelson Mandela, os autores discorrem a respeito dos rituais e demais práticas associados ao falecimento de seres humanos. Consideram que, “na sociedade contemporânea, a morte parece estar definitivamente cada vez mais longe da vida dos indivíduos, como também os cemitérios se afastam cada vez mais dos centros das cidades, atenuando a sua presença e dissipando-se na morfologia da urbe”; mas, apesar disso, “os assuntos que envolvem a morte ... continuam a fazer parte da vida dos indivíduos” [p. 83]. A agenda mediática inclui invariavelmente a morte nos principais serviços noticiosos e nos principais jornais, partindo do princípio de que o fantástico vende, pois prende a atenção dos consumidores dos *media*. Como esta reflexão antropossociológica, os autores demonstram que “apesar de o cemitério não estar mais no centro da vila”, a verdade é que “a morte continua no centro da vida social” [p. 87].
- 6 Segue-se o artigo de Donizete Rodrigues e Marco Silva, intitulado “Imigração e pentecostalismo brasileiro na Europa: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus”. Os autores apresnetam elementos acerca da história do pentecostalismo e da história da Igreja Universal do Reino de Deus, com destaque para a sua implantação na Europa. Tal como afirmam os autores, “o modelo de expansão segue normalmente as diásporas emigratórias, partindo das regiões (semi)periféricas (América Latina, África e Ásia) para áreas centrais, nomeadamente EUA/Canadá, Europa e Japão” [p. 99]. Este fenómeno migratório transcontinental caracteriza-se por uma “«divine migration» pentecostal de «Sul» para «Norte»” e provoca portanto “mudanças significativas no panorama religioso mundial”, criando “novas «spiritual geographies»” [p. 99]. O Brasil é um dos países de topo no que respeita à “exportação de missionários” [p. 99], sendo a Igreja Universal do Reino de Deus o “movimento religioso com maior expressão e visibilidade” [p. 99] no quadro do pentecostalismo. A IURD instalou-se em Portugal em 1989, na Alemanha em 1991, em Espanha em 1992, em Itália em 1993 e na Irlanda em 2003. Já em Angola, instalou-se em 1991.
- 7 O penúltimo artigo é de autoria de Glécia Oliveira e intitula-se “Música e resistência: uma breve análise histórica e discursiva do preconceito racial e social nas músicas da banda Reflexu’s”. A música axé “nasceu da mistura de estilos musicais, como o frevo, o ijexá, o samba, o reggae, a salsa, o rock, e a lambada, utilizando percussão e guitarra” [p. 112]. As letras das músicas da banda Reflexu’s fazem alusão às as relações raciais no Brasil e em África e “descrevem cenários históricos que caracterizam o racismo na África e no Brasil”, com o objectivo de denunciar “diversas formas de preconceito” [p. 116]. Analisando o discurso utilizado nas músicas dessa banda baiana, a autora constata haver um claro perfil de contestação e combate a práticas discriminatórias – contestação no que respeita às reduzidas “oportunidades ... políticas, sociais, culturais ou económicas” [p. 125] e denúncia e combate à discriminação e ao “preconceito racial” [p. 121].

- 8 A terminar, temos Olena Kovtun com “(Não) resistir à transformação: o trabalho e a vida dos camponeses ucranianos. Estudo do *holodomor* de 1932-1933”. A autora (uma investigadora ucraniana que trabalha em Cabo Verde) aborda a colectivização agrícola e o modo de vida dos camponeses na Ucrânia de há oitenta anos, fazendo referência ao período de fome aí vivido nos anos 1932-1933. Ao campesinato ucraniano, que representava então a maioria da população, opunham-se os latifundiários (maioritariamente russos e polacos [p. 133]). A fome de 1932-1933 na Ucrânia é uma das três “fomes assassinas” do século XX provocadas pelo ser humano [p. 136], que contrastam com algumas outras fomes provocadas por catástrofes naturais ou pela ausência ou deficiência de políticas públicas. No espaço de apenas um ano, “morreram de fome e de doenças com ela relacionadas entre 7 e 11 milhões da população rural de ucranianos” [p. 138].
- 9 Quanto aos dois artigos fora de tema, o primeiro deles é de António Pedro Dorés e intitula-se “A puberdade da sociologia. Comentários a Nicos Mouzelis”. Mouzelis “parte do princípio estar-se a viver uma crise no percurso da teoria social que a trouxe a um beco sem saída” [p. 12], de modo que apresenta uma série de sugestões para análise da realidade social e para elaboração da “teoria social”, a partir de outros autores.
- 10 Já a proposta de Tânia Mendes e João Areosa tem por título “Acidentes de trabalho ocorridos em profissionais de saúde numa instituição hospitalar de Lisboa” e refere-se ao período de 2006 a 2010. Os autores ilustram a necessidade do estudo dos acidentes de trabalho, com o objectivo de os prevenir; isso é mais evidente em unidades hospitalares, onde os trabalhadores estão sujeitos a inúmeros riscos [pp. 26, 27, 28-32]. Numa unidade hospitalar lisboeta, os grupos mais expostos a acidentes são os enfermeiros, as mulheres e os funcionários do turno da manhã. Os acidentes mais frequentes são os traumatismos (fracturas, entorses, contusões e distensões musculares) e as picadas de agulha. Os serviços de internamento são o local com maior incidência de acidentes de trabalho.
- 11 Tal como foi referido acima, não foi aprovado nenhum dos textos apresentados para as demais rubricas deste número, de modo que ficamos apenas pelos artigos.
- 12 Boa leitura.